

reportagem cultural

FABIOLA CORREA/JC



No limiar da possibilidade

Álvaro RosaCosta soma três décadas de carreira, em especial junto ao teatro

Priscila Pasko, especial para o JC *

A escolha pelas Artes Plásticas e o seu ingresso no curso, em 1986, não foi propriamente uma questão dentro do núcleo familiar do ator, cantor, compositor e sonoplasta Álvaro RosaCosta. Não havia uma cobrança sobre qual carreira ele deveria seguir. Afinal, Álvaro acreditava, na época, que já havia chegado “no topo” de uma

condição social, visto que ele seria o primeiro membro da família a conquistar um diploma. “Tanto que, quando eu escolhi o curso, perguntei a eles se queriam que eu investisse em uma carreira que desse dinheiro ou em um na área das artes. Me falaram para fazer o que eu quisesse.”

Álvaro se formou Bacharel em Gravura (calcogravura, técnica feita a partir de uma placa de metal)

em 1992. “Na gravura eu consegui encontrar esse meio termo entre a escultura e a imagem. Tu passava a manhã inteira produzindo a chapa, gravando, usando ácidos, lidando com elementos bem poderosos. Aquilo me fascinava”, lembra Álvaro do processo que, para ele, assemelhava-se à alquimia.

É deste lugar que nasce o interesse pela experimentação, traço tão marcante no trabalho de Álva-

ro e destacado pelas pessoas entrevistadas para esta reportagem, que trabalham ou já trabalharam com ele. “Ele é um artista de múltiplos talentos”, diz a coreógrafa Carlota Albuquerque. “Por ele ter formação em artes plásticas, o Álvaro também olha para a cena partindo das imagens. Ele traz imagens do cotidiano, da rua e das que surgem na internet. Ele vai brincando como um quebra-cabeças de

possibilidades”, explica Carlota, com quem Álvaro já compartilhou diferentes trabalhos.

A música como cena

Na adolescência, a música passou a estar mais presente na vida de Álvaro. Ele aprendeu a tocar violão nos veraneios em Capão Novo, no litoral norte gaúcho, mais precisamente, no Posto 4. Era ali que acontecia a “efervescência da arte”. “Tinha música o tempo todo. Shows diários, atividade de teatro e de dança. Os veranistas de praias vizinhas iam até lá para ver de perto a função toda”, conta.

O artista ainda cursava Artes Plásticas quando, em 1989, ingressou no Coral Rio dos Sinos, em São Leopoldo. Além de partitura, aprendeu outras línguas, para que pudesse cantar em alemão, italiano e latim. Em 1990, ele começa a trabalhar profissionalmente como ator no teatro, principalmente em musicais. Apenas neste ano, foram 240 apresentações. Por essa razão, Álvaro trancou um ano da faculdade de Artes Plásticas. Em 1994, ingressou como diplomado no Departamento de Artes Dramáticas (DAD), na Ufrgs. Permaneceu até 1998, mas não foi possível continuar, pois estava envolvido em sete diferen-

tes trabalhos.

A estreia de Álvaro na criação de trilha para teatro aconteceu em 1997, com *Chapeuzinho Amarelo*, de Camilo de Lélis e Arthur Pinto. O resultado exitoso refletiu em mais dois trabalhos no mesmo ano: *A bela e a fera* (Ronald Hadde), da Cia. Teatro Novo, e *O bandido e o cantor* (Patrícia Fagundes), com trilha executada ao vivo. Neste último, Álvaro recebeu o primeiro prêmio, o de Melhor Trilha Sonora pelo Festival Vale dos Sinos.

E, desde então, somam-se dezenas de trilhas e cenas sonoras produzidas para diferentes grupos teatrais do Rio Grande do Sul. Entre as premiações, o Açorianos de Melhor Trilha Sonora Original (2004) por *Travessias*, direção de Lígia Rigo; Prêmio Quero-Quero de Melhor Trilha Sonora Original (2006) por *A Tempestade e os Mistérios da Ilha*, direção de Jezebel de Carli; Prêmio Açorianos de Melhor Trilha Sonora Original (2018) por *Inimigos na Casa de Bonecas*, com direção de Camila Bauer; Prêmio Tibicuera de Melhor Trilha Sonora Original

(2022) por *Amazônia, um olhar sobre a floresta*, direção Camila Bauer; ou ainda Prêmio Tibicuera de Melhor Trilha Sonora Original (2025) por *Vampirices*, de Guilherme Ferrêra.

Há dez anos, Álvaro integra o Gompa, coletivo de teatro experimental. Os projetos do grupo, assim como apresentam possibilidades criativas, também impõem desafios. Foi o caso do primeiro trabalho do artista no coletivo, na peça *Chapeuzinho Vermelho*, com texto do francês Joël Pommerat, e direção de Camila Bauer. “Além da trilha executada ao vivo, eu controlava quatro microfones e mais um drone que eu inventei de colocar em cena. Era um desafio técnico impressionante. Foi uma das peças que eu menos assisti, eu mais ouvia”, conta o artista. No espetáculo *Inimigos na casa de bonecas* (2017), direção de Camila Bauer – prêmio Internacional Ibsen Scholarship 2017, da Noruega – Álvaro atuou e criou a trilha simultaneamente.

A diretora Camila Bauer conta que após a experiência de *Cha-*

peuzinho Vermelho, a dinâmica proposta por Álvaro acabou sendo adotada em vários trabalhos do Gompa, com o sonoplasta operando de dentro da cena. “O Álvaro topa os desafios de resolver musicalmente questões que, às vezes, são complexas. É alguém que faz trilhas pensando na relação da música com a cena, e não como um elemento isolado”. Camila acrescenta que, com a entrada da cantora, compositora e performer Paola Kirst no coletivo, que também realiza o trabalho de sonoplastia, o jogo de improvisação da música se fez mais presente ainda.

O amigo e parceiro de trabalho de Álvaro há mais de 30 anos, o ator, diretor e dramaturgo Nelson Diniz, lembra que o sonoplasta criou trilhas para diversos espetáculos nos quais trabalhou como ator. “E, quando criamos a Cia InCoMoDe-Te, Álvaro estava lá desde da sua fundação, produzindo a sua cena sonora, como ele costuma chamar suas trilhas. Há um rigor e uma busca pela perfeição que fazem dele o imenso artista que ele é”.



Interpretando o boêmio Lupicínio Rodrigues